



■ PATRÍCIA VASCONCELOS

«Se consegues sonhá-lo, consegues fazê-lo»
– a frase de Walt Disney é o seu lema de vida

LUIZ BARRA

PERFIL

Patrícia vai à lua

Habituada a realizar os sonhos dos outros, a senhora dos *castings* de actores prepara-se para realizar o seu. E sobe ao palco para cantar jazz

GABRIELA LOURENÇO

O calendário indicava o dia 6 de Fevereiro de 1966, o ano do cavalo de fogo. Sob este signo chinês, Patrícia Vasconcelos nasceu «disparada», ou como a mãe diz, «a correr». O animal do zodíaco – tão temido na China que até se matavam crianças à nascença para evitar mulheres incontroláveis – marcou-lhe o temperamento. «Tenho a força do cavalo de fogo: quando meto uma coisa na cabeça, consigo fazê-la», garantiu à VISÃO no dia em que completou 38 anos.

O galopar decidido de Patrícia leva-a agora a estrear-se na música jazz, com um concerto a realizar hoje, quinta-feira, 12, no bar Speakeasy, em Lisboa. A filha do cineasta António-Pedro Vasconcelos, que é também a mais conhecida directora de *castings* em Portugal e uma das fundadoras da escola de actores ACT, atira-se de cabeça para mais uma aventura. Logo à noite, a «aprendiz de cantora» (como se intitula) pega no microfone e revela a sua voz em público. «É um dese-

jo tão forte, tão forte, que tinha de o concretizar.» O primeiro passo para o concerto desta noite deu-o há dois anos no dia do seu casamento. Patrícia decidiu fazer uma surpresa ao marido e cantar-lhe *standards* de jazz com sentidas declarações de amor. O espanto foi geral e conseguiu deixar os cerca de 300 convidados de boca aberta. O pai foi um deles – e não hesitou em convidá-la, logo ali, para cantar numa cena de um seu próximo filme. Quem viu *Os Imortais*, que estreou no final do ano passado, deve reconhecê-la facilmente.

Para a filha, António-Pedro Vasconcelos é «o grande culpado» deste passo que vai dar. Afinal, recorda, foi ele quem a pôs a cantar na televisão, tinha ela 8 anos. De mãos nas ancas e sorriso de felicidade, a pequena Patrícia deu voz a *Teodoro Não Vás ao Sonoro*, no programa da RTP *Cantigamente*. «Adorei a experiência.»

Mas o realizador recua ainda mais no tempo para situar a primeira vez que a viu dar um ar da sua graça: «Com cerca de 3 anos, ela punha-se em cima da mesa e cantava a *Desfolhada* da Simone de Oliveira.»

Nunca viveram juntos mas sempre foram bastante próximos. «Tenho um fascínio gigantesco por ele, admiro-o imenso e acho que somos muito parecidos.» O pai reconhece as semelhanças «na exigência, na determinação, no gosto pelo risco, no inconformismo e no sentido de responsabilidade». E retribui os elogios: «Há uma imensa admiração além do amor que lhe tenho. Ela surpreende-me a toda a hora. Não gosta de ficar parada e sentada nas coisas que conquistou.»

Traduzir um guião em caras

Com os pais separados desde que era bebé, viu-se a viver com o novo marido da mãe, o escritor Álvaro Guerra, que entretanto envereda pela via diplomática e assume a Embaixada da então Jugoslávia. Tinha 10 anos quando deixou Lisboa e o Colégio Moderno e se mudou com a família para Belgrado. «Amei. Fiz imensos amigos, aprendi servo-croata como minha língua mãe.» Oito anos depois, o padrasto aceitou a transferência para o Zaire e Patrícia teve de encarar um novo mundo, mas a tarefa nem se revelou muito difícil – aos 19 anos, apaixonou-se e casou-se com um belga.

As saudades de Portugal começaram a rondá-la e aos 23 anos fez as malas e regressou a Lisboa com o marido. «Era uma coisa orgânica, uma necessidade enorme de voltar.» Os primeiros tempos foram passados com os olhos postos nos classificados do *Diário de Notícias* e a arranjar trabalhos aqui e ali, sempre relacionados com a moda. Depois de participar na organiza-



■ **INFÂNCIA** Com o pai, António-Pedro Vasconcelos, na praia, com os irmãos («sou uma princesa no meio de dois rapazes») e num programa da RTP a cantar *Teodoro Não Vás ao Sonoro*

ção da feira *Os hábitos do fórum*, que apoiava novos estilistas, ofereceu-se para trabalhar no guarda-roupa de *Aquí D'El Rei*, o filme que o pai preparava na altura. Entrou na equipa e fez de tudo, até as dobras dos actores estrangeiros.

Durante esta experiência, apercebeu-se de que não havia ninguém que se dedicasse de forma séria aos *castings* de actores. Estava descoberta a sua vocação. «Fui a Paris ver como funcionava esse mundo e lancei-me.» Teve a sua estreia num filme francês, um trabalho que lhe foi dado por António da Cunha Teles. E a primeira oportunidade numa película portuguesa concedeu-lha o realizador António Macedo, em *Chá Forte com Limão*. Seguiram-se os filmes do produtor Tino Navarro, títulos com grande sucesso de bilheteira (como *Adeus Pai*, de Luís Filipe Rocha e *Zona J*, de Leonel Vieira). E, depois, os telefilmes da SIC. «Desde 1989 que não faço outra coisa e sinto-me realizada: ler um guião, traduzir aquilo em caras e depois sentir o realizador feliz quando lhe apresento a pessoa certa.» Apostar em actores novos ou dar a um actor conhecido um papel que ninguém o imaginou a interpretar é o que mais gozo lhe dá neste trabalho.

Talento para viver

Em 2000, Patrícia Vasconcelos resolveu pôr em prática um projecto antigo:

criar uma escola de actores. Primeiro, teve de convencer a actriz Elsa Valentim a embarcar nesta aventura. «É a minha cara metade e eu não fazia isto sem ela.» Começaram por testar o mercado com um *workshop* e o resultado foi tão bom que, seis meses depois, estavam a inaugurar a ACT, com professores de talento reconhecido: João Canijo, Nicolau Breyner, António-Pedro Vasconcelos, Antonino Solmer, entre outros. Os candidatos têm aparecido às duas centenas, mas só se aceitaram 20 alunos, o que faz com que se debatam com problemas financeiros. Patrícia não se deixa abater. Afinal, o seu lema de vida é uma frase de Walt Disney, que fez questão de escrever numa parede da escola: «*If you can dream it, you can do it*» («Se o consegues sonhar, consegues fazê-lo»). «Basta acreditar», afirma, confiante de que o Estado irá reconhecer o papel da ACT e acabar por apoiá-la.

Elsa Valentim, que entretanto foi sua madrinha de casamento, não desconfia um segundo do êxito do projecto e sabe que pode contar com Patrícia para fazer frente às contrariedades. «Tem um talento extraordinário para viver. É tão positiva que se o mundo estiver a desabar, consegue encontrar qualquer coisa boa.» Talvez por isso a actriz Ana Padrão recorra a Patrícia Vasconcelos nos momentos de desânimo. «Ligo-lhe e fico logo anima-

da.» A actriz não poupa palavras para descrever a amiga. «Tem superpoderes. Consegue fazer tudo o que quer – se quiser ir à Lua, há-de ir.»

«Fulgurante» é a palavra escolhida pelo saxofonista Carlos Martins para descrever Patrícia Vasconcelos. Conheceu-a há pouco tempo mas já foi atingido pela sua «boa energia contagiante», essa com que conta quando hoje interpretarem, no palco do Speakeasy, *Laura*. Patrícia vai dedicar a música à filha de oito meses, baptizada com esse nome. O outro filho, Tomás, 11 anos, estará certamente na primeira fila, orgulhoso da sua «mãe preferida», como lhe costuma chamar. É ele, que já dedilha o piano, que alimenta outro desejo de Patrícia: «Eu a cantar e ele a tocar. Um dia havemos de lá chegar», revela, sorridente.

Para já, actua acompanhada por um quarteto de professores do Hot Clube (onde frequenta o segundo ano) e por dois convidados-surpresa. E não podia estar mais contente. «Passei a vida a realizar o sonho dos outros, agora vou realizar o meu», diz, «acredito que posso dar um concerto bonito e apetece-me partilhar isso com quem aparecer para me ouvir.» Esta noite será certamente a primeira do resto da sua vida e ela não tem dúvidas disso. «A partir daqui já ninguém me apanha!» ■